



“Novo rural” em Macapá: um estudo da comunidade do Pólo Hortifrutigranjeiro da Fazendinha.

“New rural” in Macapá: a study from the community of the Pólo Hortifrutigranjeiro da Fazendinha.

SOUSA, Janayna¹; MATOS, Lorena ²; FERREIRA, José ³

1 Mestranda em Desenvolvimento Regional da UNIFAP, naynareis@yahoo.com.br; 2 Mestranda em Desenvolvimento Regional da UNIFAP, lorena.matos@hotmail.com. 3 Pós-doutorando em Desenvolvimento Regional (UNIFAP). zfcofer@gmail.com.

RESUMO

As mudanças ocorridas na agricultura brasileira, a partir da década de 60, trouxeram alguma modernização ao campo, fazendo com que surgissem novas atividades não relacionadas, necessariamente, à atividade agrícola, nascendo assim um novo rural. O objetivo deste artigo é visualizar novas ruralidades na comunidade do Pólo Hortifrutigranjeiro da Fazendinha, Macapá-Ap, que se manifestem na forma de ocupar o espaço, na forma de cultivo dos agricultores ou em suas buscas por uma renda extra, a chamada pluriatividade, para com isso responder à questão sobre a chegada ou não do “Novo Rural” a Macapá. Para tanto, utiliza-se a aplicação de questionários semiestruturados, em uma comunidade escolhida por sua tradição em fornecer alimentos para a capital do estado. Por fim, conclui-se que, apesar de identificadas novas ruralidades no Pólo da Fazendinha, não se pode dizer que haja um novo rural consolidado.

Palavras chaves: Novas ruralidades. Pluriatividade. Atividades não agrícolas. Agricultores amapaenses.

ABSTRACT

The changes in Brazilian agriculture, from the 60's, brought some modernization to the field, causing spurred new activities not related necessarily to agricultural activity, emerging as a new rural. The objective of this paper is, view new ruralities inserted in Pólo Hortifrutigranjeiro community Fazendinha, Macapa-Ap, that maniefst in the form of occupying space in the form of farming farmers or their search for extra income, the pluriatividades calls, with that answer the question about, on the arrival or not the "new rural" to Macapá. To do so, it uses the application of semi-structured questionnaires, in a community chosen for its tradition of providing food to the state capital. Finally, it is concluded that despite new ruralities identified in pole Fazendinha, one can not say there is a consolidated rural new.

Keywords: Newruralities. Pluriaactivity. Non-agricultural activities. Amapá farmers

1. Introdução

Atualmente, torna-se cada vez mais difícil distinguir o urbano do rural, pois as mudanças ocorridas nas relações sociais e de trabalho no campo vem transformando



as noções de “urbano” e “rural”. O objetivo deste trabalho é identificar “novas ruralidades” a partir do levantamento da forma de ocupação dos lotes, da forma de produção dos agricultores e da pluriatividade na Comunidade do Pólo da Fazendinha, Macapá- Ap.

O Distrito da Fazendinha é parte do Município de Macapá, e faz fronteira, a norte, com Macapá, com o município de Santana, a sudoeste, e com o Rio Amazonas, a Sul. Historicamente foi construída para ser um pólo produtor hortifrutigranjeiro para abastecimento da recém criada capital do Território Federal do Amapá. Porém, com o crescimento demográfico e a expansão dos empreendimentos imobiliários para as regiões mais próximas aos centros urbanos de Macapá e Santana, a região da Fazendinha passou a ser cobiçada por particulares e empresas interessadas a investir no setor imobiliário.

2. Metodologia

Para melhor delineamento da pesquisa fez-se necessário aplicar questionários semiestruturados (duas últimas semanas de dezembro de 2014), aos proprietários dos lotes ou funcionários que se encontravam no local. O questionário, com 15 perguntas, divididas em duas etapas, foi aplicado em 63 lotes. Na primeira parte, o questionamento debruçou-se sobre a ligação do entrevistado ao terreno, se era proprietário, funcionário, se alugava ou morava emprestado. Em seguida, inquiriu-se sobre a forma de ocupação do lote, se servia para residência, trabalho ou lazer; se trabalhava com agricultura e se tinha uma renda extra, não agrícola, e por último, a idade dos moradores da comunidade. Na segunda etapa o questionário era respondido apenas pelos produtores agropecuários, onde se procurou saber se os mesmos utilizavam alguma “novidade” no modo de cultivar que pudesse ser considerado resultado de novas ruralidades, entre outras porque não precisa ser algo realmente novo, no sentido de ter sido criado há pouco tempo, mas sim no sentido de estar fazendo parte de uma mudança de hábitos, como por exemplo a inserção de adubos orgânicos e a diminuição de agrotóxicos na lavoura.



3. Resultado e discussão

Na comunidade do Pólo, 66,5% dos entrevistados é proprietário do terreno (42 entrevistados). Os 33,5% restantes (21 entrevistados) se dividem em: funcionários 25,5% (16 entrevistados); 6,5% correspondem a 04 lotes emprestados de algum parente ou amigo para morar e/ou trabalhar, e 1,5% aluga o lote para moradia (1 entrevistado). Uma forma relativamente nova de ocupar esse espaço são as segundas residências, locais utilizados apenas no fim de semana ou nas férias, chamados na nossa pesquisa de locais de “Lazer”. Identificamos que 16% dos terrenos da amostra são usados somente com este fim: são chácaras, sítios e casas geralmente de comerciantes da classe alta de Macapá, com piscina, área de lazer e criação de cavalos. Fora estas, 5% dos entrevistados, além de ter a segunda residência para o lazer também a utiliza para auferir alguma renda, como a venda de peixes, carneiro, porquinho da índia e galinhas.

Não só segundas residências, como primeiras também, fazem parte desse novo cenário do Pólo. “Novo” porque como se percebeu em documentos que falam sobre a criação dessa comunidade, ela foi feita com o intuito exclusivo de produzir alimentos para abastecer a capital Macapá. No entanto, hoje, 70 anos depois, 22% dos entrevistados utilizam o local somente para morar, sem produzir nenhum produto agrícola, como um bairro urbano, onde se trabalha fora durante o dia e retorna à noite para dormir. Dos produtores rurais entrevistados, a grande maioria mora no local (47,5%), e trabalha com hortaliças, vendendo seus produtos na feira do produtor, sendo considerados no questionário como “Agricultor familiar”. Só um produtor (1,5% do total) possui o terreno somente para produção agrícola, e mora e comercializa seus produtos em seu próprio mercantil, em Macapá. Estes totalizam 49%, ou seja quase metade da população ainda trabalha com agricultura.

As visitas aos lotes mostram a permanência de uma agricultura produzida de forma tradicional, apesar de pequenas mudanças, como a necessidade do agricultor em dizer que trabalha de forma orgânica, provando que ele sabe que há um diferencial



nisso, mas não sendo essa produção orgânica real. Diferente do que preconizam os conceitos de “novo rural”, os agricultores do Pólo da Fazendinha não diversificam a sua produção, com 45% dos produtores trabalhando somente com horticultura; 32% trabalhando com horta mais algum tipo de exploração de frutas; 16% trabalhando com hortas e animais, como suínos e galinhas; 3,5% trabalha com horticultura, mais frutíferas, mais plantas ornamentais e 3,5% trabalha com todas essas opções conjuntamente.

Somado a essa pouca diversificação, encontramos 64% que afirma trabalhar com algum agrotóxico, contra 36% que diz não utilizar. Apesar da aplicação dos questionários ser bem clara sobre esses dados, acreditamos que eles sejam mascarados pela falta de entendimento dos entrevistados sobre o que é produto orgânico, pois muitos afirmaram que sua produção era orgânica, mas ao serem questionados sobre a adubação, afirmavam usar o produto mineral sintético de nome comercial “NPK”, mostrando que ainda há um certo desconhecimento sobre o assunto. Apesar disto, 100% afirma utilizar algum tipo de prática alternativa de produção, como esterco de gado ou galinha, rotação de culturas e plantio consorciado. Os produtos são comercializados nas feiras e nas residências, sendo 51% nos dois locais, 20% só vende na feira e 29% só nas residências, sendo que esses classificados como “comercializa só na residência” muitas vezes possuem entrega certa para mercadinhos da região.

Quanto ao terceiro ângulo que escolhemos para analisar a comunidade rural e identificar novas ruralidades está a questão da pluriatividade, ou seja, os agricultores possuem outra atividade que não só aquela ligada a agricultura para obter renda, as também chamadas rendas não-agrícolas. Das casas visitadas, houve praticamente empate, onde 15 agricultores, ou 48%, afirmava ter outra renda e 16 agricultores, ou 52%, afirmavam viver exclusivamente da renda agrícola. Entre as profissões citadas estavam: doméstica, motorista, manicure, merendeira, aposentado do funcionalismo público federal, trabalho no comércio e bicos de pedreiro.



4. CONCLUSÃO

Foi possível identificar novas ruralidades no Pólo, porém não parecem ser o suficiente para classificá-las como Novo Rural. Alentejano (2000), concorda com Graziano (1999) quando salienta que há um equívoco em considerar as transformações ocorridas no meio rural como novas, mesmo havendo marcantes transformações sociais, econômicas, culturais e espaciais resultantes do desenvolvimento do fenômeno urbano. Apesar de haver evidências de novas ruralidades, como a questão do uso dos lotes apenas como residência, ou como segunda residência, trazendo a classe A para dentro do Pólo, vindo estes novos proprietários atrás de conforto e sossego que as áreas urbanas não oferecem mais, em suas chácaras de luxo para o lazer do fim de semana, ou ainda a comprovação do exercício da pluriatividade por 48% dos agricultores, essas ainda não são fortes o suficiente para sustentar a afirmação de que o Novo Rural já faz parte da realidade amapaense. Para tal ser possível seriam precisos indícios mais reais, como, por exemplo, os pequenos agricultores serem classificados como empreendedores rurais e as diversificações nas atividades agrícolas deixarem de ser tão tímidas. Neste contexto, não há diversidade da produção, nem modernidades na forma de plantar; não há uma forma de desenvolvimento local, através de agroindústrias ou de rendas não-agrícolas, como a exploração do turismo rural ou a valorização de tradições locais, como a gastronomia, o artesanato ou festas regionais.

REFERÊNCIAS

- ALENTEJANO, P. R. R. O Que há de Novo no Rural Brasileiro? **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 87-112, 2000.
- SILVA, José G. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1999.